

REVISITANDO O TERRITÓRIO: NOVAS PERCEPÇÕES SOBRE O GRAJAÚ

Projeto de extensão universitária – FAUUSP

Em Parceria com a E.E. Adrião Bernardes, Ilha do Bororé, Grajaú – São Paulo

Período: agosto de 2017 a agosto de 2018

Coordenação: Prof. Dr. Jorge Bassani, Flavia Massimetti e Marla Rodrigues (arquitetas)

Bolsistas do programa PUB: Jayne Silvestre (FAU), Nara Silva (GEO), Pedro Henrique Sena (FAU), Tarsila Magalhaes (FAU)

Etapa Preliminar

Antes dos trabalhos em campo, durante dois meses o grupo de bolsistas acompanhados pelo coordenador do projeto realizaram pesquisas e sistematização de dados sobre o território de trabalho, a Ilha do Bororé. Nesta etapa fizemos levantamento cartográfico e de trabalhos acadêmicos sobre o Bororé e a Zona Sul de São Paulo.

Também, nesta etapa, foram feitos os alinhamentos das atividades em oficinas mapográficas a serem aplicadas na EE Adrião Bernardes para estudantes do ensino médio

Primeira etapa em campo:

Durante três meses realizamos as primeiras atividades em campo que consistiram de reuniões e apresentações do projeto para as instituições locais e representantes da comunidade.

Nesta ocasião apresentamos o projeto para a escola onde seriam desenvolvidas as oficinas de mapeamento em três momentos: 1. para o conjunto dos professores, na qual tentávamos aproximar alguns deles para o projeto. Conseguimos um grupo de três professores que passaram a integrar permanentemente o grupo de trabalho no Adrião Bernardes. 2. Oficinas com mapas para estudantes e pessoas da comunidade. 3. Mapa coletivo

Fizemos mais reuniões preparatórias do que das vezes anteriores, principalmente porque teríamos um público ampliado, além de estudantes da escola, agentes comunitários, coletivos ambientalista locais e funcionárias da UBS e do Parque Municipal, também participaram das oficinas

Segunda etapa de campo: Oficinas

O projeto de extensão universitária com produção de mapas por estudantes de ensino médio da rede pública faz parte das atividades do Grupo de Estudos Mapografias Urbanas (GeMAP) e está na sua terceira edição, antes foi realizado no Colégio São Paulo, Pque Dom Pedro II, e E.E. Pedro Moreira, Jdim Lapenna, São Miguel Paulista.

A Ilha do Bororé fica no limite sul da cidade, faz divisa com São Bernardo do Campo, nas margens da Represa Billings, o maior reservatório de água da cidade. Chegar lá a partir da Cidade Universitária é demorado, inclui ônibus ou metrô, trem até o Grajaú e outro ônibus com travessia da balsa para o Bororé, as atividades na Ilha tomavam o dia todo. Isto fez com que as oficinas deveriam ser otimizadas com diversidade de atividades. Em relação às edições anteriores do “Mapografias”, fizemos menos oficinas de seis para quatro, porém mais longas

e fomos mais vezes para lá em atividades paralelas às oficinas ou para encontros com os parceiros do território. Alguns exercícios praticados nas outras edições se mostraram desnecessários ou pouco eficientes frente às relações mais aprofundadas que tínhamos com o território e a comunidade escolar. Optamos por oficinas “temáticas” que absorvessem experiências múltiplas, os temas relacionados ao território foram: geografia, antropologia, etnografia e patrimônio ambienta-cultural.

As quatro oficinas foram realizadas com estudantes, professores e agentes comunitários da Ilha do Bororé como preparação para a atividade final (prevista para 09/06/2018) com produção coletiva de um grande mapa da Ilha no espaço público. A seguir o relato de cada uma destas oficinas:



Jai do coletivo Ecoativa com estudante da E.E. Adrião Bernardes

OFICINA 1 – 02/03/18

Para a Oficina 1, o tema geral foi **Geografia**. O objetivo era, junto com os alunos e moradores da Ilha do Bororé, levantar questões e identificar as características daquele território, como sua localização, os caminhos existentes, a paisagem e a relação com os recursos naturais – principalmente a represa -, além dos laços de pertencimento ao local em que vivem.

A atividade teve início às 9h. Além dos alunos e do professor José Carlos, estavam presentes o Jai do coletivo Ecoativa e Ana Jimenez, da Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente. Com todos sentados em roda, foi feita uma breve apresentação da proposta para as oficinas e de todo o grupo de extensão.

Logo após, foram realizadas duas atividades quebra-gelo proposta pelo Jai. A primeira com uma palma sincronizada após uma contagem regressiva e a segunda com um jogo, também em roda, onde cada um deveria passar um sinal corporal recebido pela pessoa de um lado para a pessoa do lado oposto, sem quebrar o ritmo.

Em seguida, com todos sentados, foi feita a explicação da atividade do dia pela Flávia. O objetivo era que, em um mapa base que havia sido levado, com a imagem aérea da ilha do Bororé, cada um dos alunos marcasse com um adesivo colorido onde moram, e que todos juntos ajudassem a marcar pontos importantes do Bororé, como locais de encontro, de diversão e comércio. A princípio, houve certa dificuldade de localização no território por parte dos alunos, mas aos poucos eles conseguiram se encontrar no mapa e ler a imagem com eficiência.

Além dos pontos onde cada um vivia, foram marcados como locais de importância:

- Ecoativa
- Escola Adrião Bernardes
- Açaí
- Paintball
- Mural da memória
- UBS
- Mercadinho do Val
- Ponto de pesca
- Cachaça; pesca; lazer/convivência
- Rodoanel, para andar de bicicleta
- Muda (bar)
- Betisa
- Campo
- Boteco, 2ª balsa, cabelereiro, parquinho (pouco utilizado), quadra, biqueira.



Oficina 1

Durante a atividade, diversos relatos foram feitos sobre o território e a vida na ilha do Bororé. Dentre os quais foi possível observar que:

- Alguns dos jovens gostavam muito de viver lá, devido à calma da região e o contato com a natureza. Já outros sonhavam em se mudar de lá para outros lugares da cidade, pois sentiam falta de agitação e urbanidade.
- Poucos conheciam o centro da cidade, ou haviam ido somente a pontos considerados “cartões postais”. A vida urbana, na maioria dos casos, se estendia no máximo, até Santo Amaro.
- A paisagem existente além do rodoanel se resumia a chácaras e poucas casas, na beira da represa, o elemento sempre lembrado.
- Após a construção do trecho sul do Rodoanel, que corta a ilha, começaram a aparecer animais como cobras e macacos nas casas dos moradores.

No fim dessa parte da atividade, o professor Jorge Bassani apresentou imagens de satélite da mancha urbana da região metropolitana de São Paulo, com o objetivo de propor que eles localizassem a ilha do Bororé e a relação geográfica com outras regiões da RMSP. Inicialmente, os estudantes locais tiveram certa dificuldade em localizar a Ilha, a mancha urbana era muito maior do que os jovens pensavam. Mas aos poucos eles conseguiram localizar o Rio Pinheiros e a partir dele, rapidamente encontraram as represas (Billings e Guarapiranga) e então o Bororé.

A segunda parte das atividades do dia, realizada após o intervalo, foi a deriva. Todos juntos partiram para uma caminhada pelas ruas ao redor da escola, para observar e refletir sobre aspectos do território, incluindo as questões discutidas na primeira parte da oficina. Os alunos foram estimulados a registrar o que observavam por meio de fotografias.

O caminho percorrido foi pelo interior do condomínio existente ao lado da escola. Lá foi possível observar o grande tamanho dos lotes e proximidade dos mesmos com a Billings. Na metade do percurso houve uma pausa na margem da represa. Lá, discutiu-se sobre a qualidade da água e seus usos. Além da observação do rododanel, cortando a ilha e atravessando a represa, os garotos relataram onde gostavam de nadar e que costumavam pescar também. Alguns deles até recebiam encomendas de peixe por parte de moradores da Ilha. No restante do percurso, se destacaram a creche existente e as chácaras alugadas para festas e eventos.



Deriva pelas ruas do Bororé até a Represa Billings

Também foi possível observar como a economia primária tem um peso importante na ilha do Bororé. A agricultura e a pesca, bem como atividades relacionadas a ambas, se mostram muito presentes a partir da observação do território e dos pequenos comércios existentes.

De volta à escola foi feito o encerramento do primeiro dia de oficinas com uma reflexão geral das questões discutidas naquela manhã e foi entregue um mapa base da ilha do Bororé para cada um dos jovens a fim de que todos realizassem um mapeamento do território parecido com o realizado na oficina, mas desta vez de forma mais completa e individual, a partir da memória e dos percursos que realizavam ao longo da semana. Na semana seguinte, as discussões partiriam desse mapeamento.

OFICINA 2 – 09/03/18

Na segunda oficina com temática geral **Antropologia**, retomou-se a finalização da atividade do mapa individual e a elaboração do mapa base. O mapa individual consistia em localizar os pontos que eles conheciam e frequentavam da região, configurando assim as percepções cotidianas dos alunos sobre o território que habitam. Tal prática permitiu uma confluência para a próxima etapa: a realização conjunta de um mapa base sobre a ilha do Bororé. Neste momento foi possível promover um olhar a coletivo sobre o bairro, sendo apontados pontos em comum e importantes o bastante para serem ressaltados sobre o mapa, como áreas de lazer e poluição. Verificou-se como se espacializava a habitação de cada um, demonstrando como quase nenhum dos alunos pertenciam à parte sul da Ilha (além do Rododanel) e como era pouco explorado por eles aquela região. A presença da natureza foi muito ressaltada no mapa base, porém não se obteve olhares sobre o outro lado da balsa, o Grajaú.

De início a interação dos alunos com a lousa (onde seria feito o mapa) foi demorada, teve o impulso iniciado por uma aluna, que após encontrar dificuldade em não saber por onde começar ou o que começar a fazer no mapa em branco (apenas delineado pelos próprios alunos os contornos territoriais), recebeu ajuda nos comentários dos monitores e dos alunos. Estes começaram a se aproximar, fazendo aglomerados sobre o mapa. Com a presença mais

ativa dos jovens nesse momento inicial de aglomeração, houve interferência dos monitores para que houvesse espaço para as garotas pintarem também. Para a realização desse mapa, usou-se: lápis de cor, canetinhas coloridas e tintas variadas. Destaca-se que houve participação total dos alunos, com uma interatividade aguçada e dedicada, importantíssima para compor o mosaico do Bororé.

A participação de representantes do posto de saúde foi interessante para a realização da oficina, revelando um elo entre a comunidade e a escola. As três representantes do “postinho” preencheram o mapa base e bateram um papo com os alunos sobre a questão da febre amarela e sobre a importância de frequentarem o posto e se inteirarem sobre as questões de saúde. Jai e o prof JC auxiliaram muito na oficina. O próprio Jai explicou a linha do tempo da Empresa Light na ilha e como esta teve impacto direto e indiretamente sobre o espaço, alguns dos alunos já tinham conhecimento sobre esse fato histórico da região.



Mapa individual de Bororé



Mapa base de Bororé

Ao fim, foi pedido para que os alunos entrevistassem seus familiares e conhecidos para a realização da oficina 3, trazendo as relações afetivas que construíram a comunidade.

- A presença dos representantes do posto de saúde
- Participação total dos alunos ao preencher os mapas
- Indicação de espaços de lazer e de poluição
- Poucas informações extrapolaram para a região do Grajaú e para o sul da Ilha.

OFICINA 3 – 16/03/18

A terceira oficina cuja temática era a **Etnografia**, teve como propósito colocar para os alunos as questões de origem e identidade. Para isso, através de uma árvore genealógica entregue na oficina anterior, foi proposto que eles conversassem com seus familiares e tentassem identificar suas origens e obter informações sobre como se deu a trajetória de seus pais e de seus antepassados pelo território brasileiro até chegarem ao Bororé, de modo que todas essas informações trazidas pelos alunos representassem um olhar sobre a formação do território. Esse objetivo materializou-se na oficina em três fases. A primeira foi a exposição do mapa do Brasil desenhado no papelão, nele era possível identificar os estados e também as três principais bacias do país. Através de uma conversa puxada pelo prof. Bassani foi colocado para os alunos identificarem essas bacias e tentarem entender o trajeto delas pelo território e como e como a Bacia do Paraná afetava os rios de São Paulo e consequentemente a região da represa.

Na segunda fase, voltamos ao mapa dos percursos das águas para introduzirmos a atividade proposta para casa. Foi aberto espaço para os alunos contarem sobre as histórias de suas famílias, a maioria deixou claro que não sabiam e tinham descoberto a própria história nessas conversas que provocamos. Foi interessante um ponto que a Marla colocou ao longo da

conversa, pois alguns alunos falaram que tinham ancestrais diretos que vieram da África, porém não sabiam de qual local. Marla colocou isso como uma questão, pois temos noção dessa ligação, porém sempre colocada de uma forma generalizada e desconsiderando a diversidade do continente, as várias nações. Ao contrário do que acontece, por exemplo, dos descendentes de europeus.



Resultado final, evidenciando a concentração nas regiões nordeste e sudeste do país.

Voltando a discussão para o território do Bororé, surgiram questões sobre quantos dos alunos tinham nascidos na ilha, e para a nossa surpresa eram apenas três; e quais tinham pais que nasceram lá ou na região do Grajaú, e ninguém se manifestou, o que evidencia a característica de ocupação recente. Os que levantaram a mão falando que nasceram no Bororé evidenciaram que há uma mudança no espaço, que hoje percebem muito mais o crescimento de construções irregulares, principalmente nas áreas de mata. Com todos esses assuntos levantados, foi dado um tempo para colocar no mapa do Brasil através de alfinetes e barbantes os dados coletados. No mapa, os alfinetes amarelos representavam os alunos, os verdes os pais, os vermelhos os avós, os azuis os bisavôs e os brancos os tataravôs. As linhas coloridas possibilitaram uma visualização muito rica dos percursos dessas famílias no tempo e no espaço até chegarem ao território e percebemos, no resultado, a concentração de alfinetes nas regiões nordeste e sudeste, sendo que grande parte dos alunos são de São Paulo, e a partir dos pais percebe-se esse movimento de migração entre regiões.

Finalizando a atividade, uma conversa com os alunos demarcou a terceira fase do encontro. Nessa conversa, foram introduzidas questões sobre como eles se enxergavam na cidade; o constrangimento gerado em estarem em uma região periférica; e a importância deles se identificarem como sujeitos na cidade. Foram pontos que introduziram o tema do *direito à cidade*, o que gerou um debate muito intenso, todos querendo falar ao mesmo tempo. Os jovens colocaram exemplos de situações de preconceito, exclusão e até de vergonha, ocorridas com eles ou com pessoas próximas a eles, mostrando amadurecimento ao falar sobre esses assuntos.

Além disso, percebemos que eles davam muitos exemplos de espaços culturais e de lazer fora do Grajaú e da Zona Sul, porém ao serem questionados sobre o porquê disso e quais eram os atrativos que podiam ser encontrados na região deles, não conseguiam responder. Jai e JC entrevistaram lembrando acontecimentos no próprio território próximos a eles, como a Casa Ecoativa, a Prainha no Grajaú, os Meninos da Billings, Coletivo Imargem etc. Conforme os dois iam citando lugares e manifestações no território, quase todos balançavam a cabeça confirmando. Eles puderam perceber como a região é um rico polo cultural, mas por ser tão cotidiano, ficam no segundo plano dos grandes eventos midiáticos. Por fim, a conversa serviu também para explicar qual era a nossa intenção com o projeto e com as oficinas, o que a cartografia poderia representar como ferramenta para articulação e também para questionamento de todos os pontos colocados por eles.

OFICINA 4 – 23/03/18

A última oficina na escola Adrião Bernardes, cujo tema central foi a afetividade e o **Patrimônio ambiental-cultural**.

Na proposta inicial da oficina, pensou-se numa atividade capaz de sintetizar o percurso ao longo dos encontros anteriores, e também para ativar a conscientização de pertencimento ao lugar para o campo da memória afetiva. As perguntas pensadas para dispararem a atividade foram: Como vejo o território? O que é bom aqui? O que é ruim aqui? O que só existe aqui? O que é a nossa cara? O que nos orgulha? O que nos incomoda?



Caminhada e chegada na Casa Ecoativa

Além da intenção de levantar este debate, entendeu-se ao longo das oficinas anteriores que seria interessante utilizar o espaço da Ecoativa, que possui parceria com o colégio e com o projeto. É um espaço simbólico de cultura e afirmação para a população da ilha, um coletivo autônomo que contribui muito como referência comunitária e participativa para os estudantes. A Casa fica a uns 500 m da escola, logo na saída da balsa, quase como um portal de entrada do Bororé.

Pela manhã houve uma conversa sobre a proposta da dinâmica do dia e uma breve retomada das oficinas anteriores. Na terceira oficina, pedimos aos alunos que conversassem com seus conhecidos e parentes que poderiam colaborar com histórias sobre o local. Logo após saímos em caminhada até a Casa Ecoativa. Foi então apresentada a responsável pelos relatos sobre história da ilha, Jaqueline, nascida no Bororé, mãe do Henrique, aluno do terceiro ano. As funcionárias da UBS também acompanharam o encontro.

Na Casa Ecoativa, fizemos um lanche coletivo e conhecemos o lugar. Também houve uma dinâmica de “aquecimento”, organizada pelas funcionárias da UBS. Depois, todos se reuniram em torno da mesa na área externa para ouvirmos a Jaqueline. Outros trabalhadores que estavam na Casa também se juntaram ao encontro e somaram-se aos relatos. Foram abordados temas como a história da ocupação da ilha, antes mesmo da construção da represa Billings e o seu impacto sobre a população; a violência e a segurança; os fluxos populacionais e quem são as pessoas que moravam e moram lá; a construção do Rodoanel; a questão da água e do abastecimento; e a perda (ou permanência) da cultura original e qual a sua relação com a tecnologia na atualidade.

Depois nos encaminhamos para dentro da casa, para que pudéssemos ver a apresentação de slides preparada pela Jaqueline para registrar as questões da ocupação e da relação entre a

Ilha do Bororé e o abastecimento da cidade e da própria Ilha. Durante todo esse momento, novas questões foram levantadas pelos próprios alunos e discutidas no grupo.

Após essas discussões, fizemos um encerramento com o grupo, da equipe da extensão e da Ecoativa, depois introduzimos o que seria feito na atividade de encerramento, apontando a importância de não se perder o que foi construído ao longo de todas as oficinas.



Reunião na área externa da Casa Ecoativa



Jaqueline falando para os estudantes do Adrião

Etapa da finalização

Para encerramento do ciclo, definimos a produção de um mapa coletivo de grande porte para ser pintado numa das paredes do pátio da E.E. Adrião Bernardes. Para o planejamento da produção contamos com a parceria do coletivo de arte urbana Imargem (também do Grajaú). Utilizando a técnica do estêncil, na qual os artistas do Imargem de grande fluência, a primeira parte do mapa mural foi a projeção sobre papel duplex (20 folhas agrupadas com fitas adesivas) para desenhar e depois cortar o estêncil gigante. A segunda parte foi transferir este desenho para a parede do pátio.

Tratou-se de um trabalho pretencioso considerando as dimensões do mapa e o pouco tempo para realizá-lo, estávamos nas duas últimas semanas do semestre. Conseguimos fazer a base do mapa e desenhá-la no pátio. A experiência na Zona Leste com o mapa coletivo produziu no grupo o desejo por um mapa que ficasse por longo período na escola, de forma que pudesse ser apropriado pelas novas turmas. Assim foi pensado o mapa coletivo do Bororé, foi desenhada uma plataforma mapográfica para receber contribuições por longo período.

Outra questão importante sobre o projeto de extensão Mapografias de São Paulo é relativa à continuidade. Este é o principal ponto na avaliação do projeto, que ele é interrompido ao final de um ano quando as perspectivas de trabalho se abrem, mas não tiveram continuidade. Avaliamos que na Ilha do Bororé, por conta de como nos territorializamos, estamos muito mais otimistas da continuidade no próximo ano. A favor desse otimismo pesa imensamente a relação com os parceiros do território, a direção da escola com o coletivo Ecoativa.

Resultados

Enquanto estávamos com o projeto de extensão na Ilha do Bororé, o GeMAP participou da organização do *Workshop Internacional "Entre a cidade formal e a questão ambiental"*, fruto da parceria entre a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

(FAUUSP), a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAUFRGS) e a École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris La Villette (ENSAPLV - Escola Nacional de Paris Villette), no Projeto de Cooperação França & Mercosul desta última. O GeMAP propôs o workshop na Ilha do Bororé entre 16 a 27/04/2018, por uma semana um grupo de 40 professores e estudantes do Brasil, Paraguai, Venezuela, França, Espanha e Itália ficaram hospedados no Bororé.

Para este relatório sobre o projeto de extensão, o que importa deste evento é que a reunião inaugural com a presença de professores e estudantes, programada para apresentação do território objeto do workshop, foi integralmente conduzida pelos secundaristas do Adrião e moradores do território. Na ocasião os jovens fizeram uma apresentação em uma sala de aula da escola pública e depois conduziram o grupo por um percurso na Ilha.

Após a realização das oficinas foi feito o trabalho de sistematização do material produzido para a prestação na escola e reflexões do grupo da FAU envolvido no trabalho, destas resultaram dois artigos submetidos e aceitos em congressos: Seminário Internacional Urbanismo Biopolítico, Belo Horizonte, julho/2018 e XIV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Escuelas de Urbanismo e Planificación, Santiago do Chile, agosto/2018.

Os resultados do workshop bem como a síntese do projeto de extensão na Ilha foram expostos no Salão Caramelo da FAU no mês de junho, e na EE Adrião Bernardes foi exposto para receber os alunos de volta às aulas em agosto.



Mapa coletivo da Ilha do Bororé no pátio da E.E. Prof Adrião Bernrdes